

<https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2021.10037>

Data de receção: 13/03/2021

Data de aceitação: 05/05/2021

A ESCOLA EM NOSSA CASA: O ENVOLVIMENTO PARENTAL NO ENSINO A DISTÂNCIA

SCHOOL AT OUR HOME: PARENTAL INVOLVEMENT IN DISTANCE LEARNING

Carolina Rebelo Rodrigues¹ orcid.org/0000-0001-9291-5766

Inês Marques Correia² orcid.org/0000-0002-4401-4151

Isabel Catarina Martins³ orcid.org/0000-0002-5192-6124

Resumo:. *A família e a escola têm um papel fundamental na vida de qualquer aluno. Apesar das transformações que têm sofrido, família e Escola são instituições fundamentais no crescimento físico, social, emocional e intelectual dos alunos. Neste sentido, devem afirmar-se como aliados na criação das condições necessárias para os alunos. O envolvimento dos pais na escola, é essencial e nem sempre fácil, mas gera resultados muito positivos, elimina obstáculos, contribui para o bom desempenho, organização e sucesso escolar. Atualmente, devido à situação mundial criada pelo covid-19, o sistema educativo viu-se obrigado a implementar novos métodos. O ensino a distância exige que as famílias estejam mais próximas do processo escolar dos alunos. De uma forma geral, ainda existem divergências acerca dos resultados desta modalidade de ensino. Nestes novos tempos para a sociedade em geral e para os estudantes, de forma particular, as famílias não podem ser esquecidas no seu papel de educadores. É importante considerar os diferentes recursos das famílias para*

¹ Instituto Piaget – ISEIT Viseu. Email: crrodrigues97@hotmail.com

² Instituto Piaget – ISEIT Viseu. Email: inesmcorreia1999@gmail.com

³ Universidade de Coimbra, Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social (IPCDHS); AVISPT21. cat.martins.form@gmail.com

acompanhar este processo, bem como prestar uma atenção especial à saúde mental dos pais. Estes, deverão ser apoiados também na gestão de novos papéis e no suporte emocional aos filhos em momentos de novidade e incerteza.

Palavras-chave: COVID-19, Ensino a distância, Envolvimento parental.

Abstract: Family and school have a fundamental role in any student's life. Both have undergone several changes, but they emerge as two fundamental institutions in the physical, social, emotional and intellectual growth of students. In this sense, they must assert themselves as partners, to create the necessary conditions for the student. Parental involvement in school is essential and not always easy, but it generates very positive results, eliminates obstacles and distrust, contributes to performance, organization, well-being, happiness and school success. Due to covid-19, the education system has been forced to implement new methods of distance learning that require parents to be closer to their children's school process. In general, there still exists some divergences about this new process. In these new times for society in general, and for students in particular, families cannot be forgotten in their role as educators. It is important to consider the different families resources to accommodate this process, as well as to parent's mental health.. These should also be supported in the management of new roles and emotional support of their children in moments of novelty and uncertainty.

Keywords: Covid-19, Distance learning, Parental involvement

INTRODUÇÃO

A família tem um papel fundamental e de enorme responsabilidade na educação e na vida dos indivíduos. É, igualmente inegável, a importância da Escola na educação do ser humano. Como sabemos, à escola não cabe apenas a função de lecionar disciplinas, mas é

determinante o seu papel em todas as outras aprendizagens, enquadradas nos quatro pilares da educação que integram o relatório da Unesco, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Delors, 1996): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. A família e a escola partilham esta missão do sucesso escolar e pessoal dos indivíduos.

A existência de uma relação de qualidade, centrada na parceria e cooperação entre a escola e a família, é fundamental para o desenvolvimento harmonioso das crianças e jovens. A educação de uma criança depende dos vários ambientes que a envolvem, tal como descrito pelo modelo ecológico de Bronfenbrenner (2006).

Este trabalho tem como objetivos principais, explorar o papel da família no sucesso escolar dos educandos e as implicações trazidas a esta relação, desencadeadas pelo contexto de pandemia.

1. FAMÍLIA: UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO

A família pode ser considerada como a unidade básica da sociedade (Barradas, 2012). Todos temos uma ideia sobre o conceito de família, os papéis de cada um e os principais problemas que as famílias enfrentam.

É consensual que a família, apesar do enredo de concepções, perguntas e contradições (Barradas, 2012), é uma dádiva social muito importante e com um vasto dinamismo. O ambiente familiar é considerado um dos principais fatores de socialização (Johnson, Cohen, Chen, Kasen, & Brook, 2006). É o núcleo no qual aprendemos a relacionar-nos, a desenvolver os valores fundamentais para a convivência com o meio social e as normas sociais, sendo nela, que começa a relação entre o indivíduo e a sociedade (Barradas, 2012). A família é um lugar educativo, considerada o núcleo central da aprendizagem individual e social da criança (Flores, 1994). É nesta, que se partilham emoções e afetos, num espaço onde se cresce como pessoa, num ambiente de educação natural, que inclui as oportunidades do desenvolvimento pessoal de todos os membros (Toledo & González, 2007). Gameiro (1992, p.32) define família como “uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos”, acrescentando que

“a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura”.

O conceito de família tem vindo, ao longo dos tempos, a modificar-se e a evoluir, tendo as famílias enfrentado várias mudanças. Considera-se que a entidade familiar se encontra, atualmente, em alteração devido a vários fatores, tais como casamentos cada vez mais tardios, natalidade reduzida, um elevado número de divórcios, que tem como consequência o aparecimento de novos modelos de família (monoparental ou reconstituídas), entre outros (Barradas, 2012). O conceito tradicional de família tem vindo a modificar-se e a dar lugar a novos modelos: a família tradicional caracteriza-se por ser uma família heterossexual que vive com os seus filhos; as famílias monoparentais são constituídas por uma figura parental que vive com os filhos; existem também famílias reconstruídas, que consistem na junção de um casal que tem filhos de outro relacionamento; famílias em união de facto, e, por fim, os casais homossexuais (Barradas, 2012).

As novas dinâmicas familiares legitimam a implementação de novas estratégias na relação entre as escolas e as famílias, tendo em atenção que, sob qualquer dos modelos, a família desempenha um papel insubstituível na formação da personalidade dos indivíduos, sendo o alicerce da sua estrutura social e promotor do desenvolvimento humano. É no contexto familiar que a criança faz as primeiras aquisições e a aprendizagem dos diversos papéis (Toledo & González, 2007) e vive os primeiros e fundamentais anos da sua vida. É, por isso, essencial estudar a relação entre as diferentes dimensões do clima familiar e variáveis como competências cognitivas, motivação, autoestima, de forma a perceber a influência destes no sucesso dos alunos.

2. ESCOLA E FAMÍLIA: IMPORTANTES ALIADOS NO SUCESSO EDUCATIVO

A sociedade tem sofrido muitas alterações a nível político, social, cultural e económico, caracterizando-se pela incerteza, complexidade e transformação, representada também na educação (Valente, 2016). A educação tem como objetivo fornecer às pessoas as bases culturais que

permitam decifrar as mudanças, operando numa triagem de informações com a finalidade de melhor as interpretar (Rego, 2018).

A educação é o meio através do qual o homem ganha conhecimento de si mesmo, nomeadamente das suas potencialidades, possibilidades ou metas, através de um conjunto de hábitos adquiridos, que culminam no desenvolvimento da disciplina, da postura e de uma consequente aprendizagem sistemática em determinados aspetos. Nesse sentido, a participação dos pais no processo de educação considera-se essencial, visto que, é na família que somos impulsionados a rever o que aprendemos, resultando uma compreensão das situações quotidianas, de forma a ser possível identificar-se limitações e conquistas (Piletti, 2003).

O conceito de sucesso educativo é complexo e não é fácil de ser definido. A palavra sucesso deriva do latim *sucessum* que significa bom êxito e conclusão (Mendes, 2017) e está associado ao de aproveitamento escolar sendo, no entanto, um conceito muito mais abrangente do que isso (Mendes, 2017). Há vários fatores importantes para o sucesso escolar. No entanto, raramente são encontrados fatores independentes e isolados, assim como a ausência de um, raramente é justificação para que o sucesso não seja atingido (Carvalho, 2010).

O sucesso escolar foi já motivo de muitos estudos e considerações. As causas do insucesso escolar eram, inicialmente, imputadas apenas ao aluno, que fracassava por dificuldades inerentes às suas características, tendo de repetir o ano (Mendes, 2017). Numa fase posterior, as causas do insucesso escolar passaram a centrar-se na origem sociocultural dos alunos, tendo sido implementadas atividades com o intuito de atenuar as diferentes origens socioculturais e minorar as “lacunas” que o aluno trazia à entrada na escola.

É mais ou menos consensual a visão do sucesso escolar como dependente de fatores do próprio aluno e a sua motivação, da sociedade, da própria escola e da família (Barradas, 2012), acrescentando-se os recursos económicos (Carvalho, 2010). Torna-se evidente que as causas para o insucesso/sucesso são variadas e podem centrar-se no aluno e no seu ambiente familiar e social, no sistema educativo e na própria escola. Ambientes saudáveis proporcionam segurança, integração social e capacidade para prever e controlar aspetos do ambiente (Taylor, Repetti, & Seeman, 1997). O indivíduo é assim influenciado por tudo o que o

rodeia, condicionando-o ou potenciando-o. Os comportamentos de um indivíduo devem compreender-se, tendo em conta as inúmeras relações que ele estabelece numa troca contínua com os diferentes ambientes ou níveis ecológicos em que está inserido (Ornelas, 2008).

A família é a primeira unidade dinâmica das relações no plano afetivo, social, cognitivo, enraizada na cultura histórica e social, repleta de significados e práticas culturais singulares, geradoras de modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (Loureiro, 2017), sendo um sistema dinâmico inserido numa estrutura ecológica de sistemas gradualmente mais amplos (Bronfenbrenner, 1994). É fundamental a colaboração entre a família e a instituição escolar, sendo a responsabilidade do processo educativo partilhada por todos os elementos que a constituem.

O envolvimento dos pais no sistema educativo é considerado a variável mais relevante para o processo educativo dos filhos, independentemente do grupo social (Picanço, 2012). É fundamental a colaboração entre a família e a equipa de profissionais envolvidos na educação das crianças e jovens, sendo a responsabilidade do processo educativo partilhada por todos os elementos que a constituem. É, por isso, determinante uma relação de respeito e cooperação entre ambas as partes: encarregados de educação e professores e demais agentes educativos.

Os Encarregados de Educação e os professores, estão de acordo quando afirmam que é necessário que haja uma boa relação escola-família para que a criança tenha um percurso educativo de sucesso (Abreu, 2016). No entanto, assistimos, frequentemente, a uma falta de comunicação entre a escola e a família, o que leva a um distanciamento gradual. Alguns professores relatam apenas ter contacto com encarregados de educação através da direção ou conselhos de turma (Picanço, 2012).

Sendo os primeiros educadores da criança e estando normalmente presentes ao longo da sua escolaridade, como elementos permanentes, os pais continuam a ser os principais responsáveis pela educação e bem-estar dos alunos. Os professores são parceiros insubstituíveis na aprovação dessa responsabilidade e o trabalho de ambos, é fundamental.

É determinante um processo de diálogo permanente, de escuta mútua e de definição conjunta de princípios através de uma cultura de comunicação, partilha e corresponsabilidade (Martins, Sarmento, & Alves, 2019). A exclusão da família nos processos educativos gera uma comunidade educativa incompleta, atendendo à necessidade de ajuda constante que os responsáveis pelas funções educativas formais apresentam (Toledo & González, 2007).

As organizações, exigem cada vez mais aos indivíduos e as preocupações motivadas por problemas profissionais, pessoais, económicos ou financeiros, podem justificar uma menor atenção, apoio e cuidados adequados aos filhos, criando-se distanciamento. Por outro lado, os pais, em vários momentos do ciclo da vida familiar, passam por momentos nos quais sentem necessidade de (re)aprender novos papéis parentais (Alarcão, 2008). Entre as razões apontadas para a falta de participação dos pais no processo escolar dos filhos, estão a falta de tempo, as baixas expectativas educacionais, o afastamento cultural e a pobreza (Picanço, 2012).

Sozinhos, os professores, não conseguem diminuir esses obstáculos ao envolvimento parental, podendo, ajudar a mudar atitudes, alertar para os seus benefícios e criar pressão às autoridades escolares para promoverem espaços para receber os pais/encarregados de educação mais vezes.

Considera-se importante que as escolas sejam promotoras de estratégias que favoreçam a aproximação dos pais, dando pistas educativas, com o objetivo de que estes, possam e consigam perceber as dificuldades e preencher as mais variadas lacunas, tornando-se a relação entre escola-família, mais próxima e promotora de uma saudável construção relacional (Picanço, 2012). Enquanto alguns pais ocupam o mínimo de tempo possível no apoio aos filhos nos trabalhos de casa, outros ajudam de uma forma mais objetiva e direta, fazendo perguntas sobre a matéria lecionada (Vasconcelos, 2018).

Segundo Loureiro (2017), as melhores relações entre pais e filhos surgem quando os pais estão mais envolvidos com os professores. A maior relação com os docentes e atitudes mais positivas sobre si próprios geram um aumento da autoconfiança e maiores expectativas para os filhos. Há pais que são convidados a participarem presencialmente em

atividades, sendo que o mesmo não ocorre em todas as valências criando afastamento, pois as necessidades das crianças não passam só por ter os pais perto deles, mas sim mantê-los informados do seu percurso escolar (Vasconcelos, 2018). É essencial eliminar os obstáculos de desconfiança entre os agentes, assumindo que cada um desempenha um papel imprescindível na vida escolar das crianças (Abreu, 2016).

Os pais e encarregados de educação podem participar em inúmeras atividades e colaborar nos planos definidos pela Escola. Podem assistir a reuniões, conversas formais e informais com o Professor(a), ou garantir a participação ativa na associação de pais. Poderão também participar através da sua presença física na escola, dinamizando uma atividade na qual se sintam seguros e confortáveis, tal como falar da sua profissão, elaborar uma receita, contar uma história, entre outros, pois serão sempre momentos de partilha e de aprendizagem e de maior envolvimento através da voz ativa dos pais (Vasconcelos, 2018). Em casa, o papel dos pais no estudo dos filhos é fundamental, através do acompanhamento sistemático, metódico e constante que permite que as crianças e jovens tenham uma organização e desempenho muito mais coerentes e lógicos (Picanço, 2012).

Para além da família e dos psicólogos, Loureiro defende que um novo modelo de educação, implica o envolvimento e a cooperação de vários agentes, incluindo as autarquias, as associações, os movimentos cívicos e as comunidades locais, de forma a ser assegurado em simultâneo a disciplina e a liberdade, a autoridade e a cooperação, a exigência e a tolerância, a tradição e a inovação, e por fim, a identidade histórica e a multiculturalidade, sendo necessário perceber todo o contexto envolvente onde se inserem estas crianças (Loureiro, 2017), neste exercício de cidadania global.

Já foram apontadas (Fernández , 2011, cit. por Barradas, 2012) várias estratégias para a promoção do envolvimento parental, tais como: a) promover mais a socialização entre a escola e a família; b) recorrer às novas tecnologias, como ferramenta para essa comunicação; c) definir claramente no início do ano letivo das responsabilidades de cada parte; d) desenvolver formações para articular o trabalho conjunto dos pais e dos professores; e) não atribuir responsabilidades a ninguém pelo

insucesso escolar das crianças e optar por encontrar estratégias para o sucesso.

Dentro da comunidade educativa, todos os agentes devem colaborar no estabelecimento destas pontes (OPP, 2020b), assumindo que as finalidades e os papéis das instituições são diversas mas complementares (Martins, Sarmento & Alves, 2019).

No entanto, a opinião relativa à participação dos pais um pouco ambígua, uma vez que, apesar de alguns professores acharem que os pais não se envolvem tanto quanto deveriam, outros consideram que os pais deveriam, sim, participar na vida escolar dos educandos, mas apenas em questões que digam respeito diretamente aos alunos (Picanço, 2012).

3. ENSINO A DISTÂNCIA: APRENDIZAGEM ESCOLAR EM TEMPO DE PANDEMIA

O ano de 2020 fica marcado pela mudança do paradigma da aprendizagem escolar. O fecho temporário das escolas, num esforço para conter a propagação do COVID-19, obrigou o sistema educativo a recorrer a novos métodos em ensino a distância.

O ano 2020 acabou e o ano de 2021 trouxe com ele as mesmas dúvidas e receios. A pandemia forçou o encerramento do ensino presencial em 188 países, interrompendo fortemente o processo de aprendizagem de mais de 1,7 bilião de crianças e jovens (OECD, 2020). A implementação deste sistema como solução de emergência, suscitou várias críticas. Não foi consensual esta medida, sendo defendido, por alguns elementos da sociedade, que as escolas são lugares seguros e que o agravamento da situação pandémica se deveria à irresponsabilidade de cada um e não à frequência das escolas (Ascensão, 2021). No entanto, a sociedade foi mobilizada no sentido de acolher as medidas e colaborar no cumprimento do isolamento como via para conter a propagação do vírus, logo, para contribuir decisivamente para manter a segurança de todos.

O ensino a distância não é, no entanto, recente e possui vantagens e inconvenientes. Faria (2016) afirma que o ensino a distância tem como benefícios a promoção de diversas formas de comunicação, podendo dar autonomia e flexibilidade ao aluno e um ambiente diferente com várias

opções interativas, que se tornam essenciais na construção de conhecimento, assim como na criação de um maior domínio sobre si e a aprendizagem, podendo o computador, fornecer recursos que auxiliam o ensino. O autor refere que um computador com internet pode facultar o acesso às bibliotecas digitais, softwares especializados, internet, e-mail, telefone, gravador, vídeos entre outros. Considera como outra vantagem a inclusão social, ou seja, que o ensino a distância traz benefícios aos alunos com dificuldades psicomotoras. Este autor, coloca como desvantagens a questão da interação e consequente empobrecimento da troca direta de experiências que são proporcionadas entre aluno e professor pessoalmente. A necessidade de uma rede de internet, pode ser um obstáculo que pode ser lenta ou instável, dificultando as atividades.

No entanto, aquilo que Faria (2016) referia como vantagem (promoção de inclusão social) é precisamente apontado por várias vozes, nomeadamente por Lima (2021, cit. por Carvalho, 2021) como sendo uma limitação significativa: o fosso nas desigualdades sociais existentes entre alunos e a desvantagem aumentada no acesso ao curriculum de alunos com dificuldades de aprendizagem. Outro inconveniente deve-se ao facto de existir um maior risco de uso excessivo do tempo de exposição ao ecrã, que é documentado como sendo prejudicial ao desenvolvimento das crianças e jovens (Bruni et al., 2015).

No ensino remoto de emergência implementado, em Portugal, em março de 2020, muitos alunos foram prejudicados por não possuírem recursos para acederem às aulas a distância, sendo por falta de rede nas suas localidades, como por falta condições económicas. O presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas afirmou que este tipo de ensino acarretava maiores desigualdades e injustiças, não apenas relacionadas com o acesso a equipamentos informáticos, mas devido a todas as condições necessárias em casa para este acompanhamento, que nem todas as famílias possuem (Carvalho, 2021).

Há também uma crítica marcada à falta de formação dos professores que passaram a adotar este tipo de ensino, assim como à difícil tarefa que é regular o tempo com todas as tarefas domésticas e familiares por

parte destes docentes, que, entretanto, viram também a sua vida pessoal alterada (Flores, Machado, & Alves, 2020).

Considerou-se como vantagem a possibilidade de ampliar a oferta formativa e reduzir os tempos nas deslocações. Por outro lado, tem como inconvenientes, ainda ser um sistema alvo de alguma insegurança por parte dos pais e professores. No entanto, o maior inconveniente é a quebra nas interações entre pares.

Na verdade, a decisão do fecho das escolas e a adoção deste sistema de ensino não foi e continua a não ser unânime. Muitos foram os que defenderam que este deveria ter sido um último recurso (Ascensão, 2021; Grilo, 2021) e que a solução passaria, antes, por uma testagem à Covid-19 abundante, para que as escolas se mantivessem abertas e no seu funcionamento normal (Grilo, 2021).

O professor Carlos Neto defendeu que, em tempo de pandemia, as aulas não são fundamentais e mais importante é brincar ao ar livre. Apoia a ideia de que as crianças até à puberdade não deveriam estar em casa, mas sim na escola. Considera as crianças não têm capacidade para estar tantas horas a trabalhar de forma focada, no sistema de ensino remoto, com uma agenda pesadíssima sem critério científico, político ou económico. Compara com a gripe Espanhola de há 100 anos, referindo que a sala de aula veio para o exterior e que é no exterior que o contágio é menor. Desta forma e ao ar livre, teremos a possibilidade de criar uma cultura de maior imunidade e maior resiliência. Considera que as crianças ativas têm mais capacidade de aprendizagem de concentração, além de, a longo prazo, uma maior probabilidade de terem sucesso (Neto, 2020).

Na verdade, para além da função que exercem na aprendizagem académica, as escolas, são centros de atividade social e interação humana. Quando as escolas fecharam, muitas crianças e jovens perderam o contacto social que é essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento. Às famílias foi também exigido que lidassem com a situação emocional de crianças e jovens na adaptação a esta nova realidade de privação, o que significou um desafio acrescido.

3.1. Novas exigências à relação Família-Escola

A alteração abrupta do modelo escolar, teve impactos na aprendizagem com exigência de adaptação ao novo modelo por parte de alunos, professores e famílias. O novo formato, obrigou os pais a estarem mais perto do processo escolar dos filhos, levando-nos a refletir sobre os contornos e consequências desta proximidade, aspeto fundamental neste trabalho.

Esta mudança repentina para o ensino a distância e os desafios familiares que ele apresenta, cedo foram motivo de preocupação em todo o mundo. Sem o apoio adequado às famílias, a nova realidade podia aumentar a probabilidade de os pais vivenciarem situações de stress e *burnout* parental (Griffith, 2020) o que, como facilmente se compreende, pode impactar negativamente nos filhos. É que, os pais, por outro lado, também tiveram que superar os desafios do seu próprio confinamento e as exigências do teletrabalho ao mesmo tempo que estão a apoiar os filhos. Para além disso, a pais com diferentes níveis de escolaridade foi exigida a mesma participação no acompanhamento escolar dos filhos.

O encerramento do ensino presencial não pretendia uma quebra ou paragem abrupta no percurso escolar. Cumprir o isolamento não significa que os alunos estejam de férias, mas também não significa que estejam na escola, sendo necessário adotar estratégias que os permitam adaptar a uma nova realidade, com horários destinados às várias atividades a distância, fora do contexto escolar e da proximidade física aos professores e colegas (OPP, 2020b).

Este modelo educativo trouxe novos desafios às famílias no apoio aos filhos. Os pais contestaram o modelo de envio de trabalhos, essencialmente aquando da primeira vaga, referindo a fraca preparação dos professores e uma exigência excessiva, imposta também aos pais, que têm de estar disponíveis para prestar auxílio. Os alunos, também apresentaram dificuldades na adaptação ao novo modelo, que comprometia a proximidade, por exemplo, para colocar dúvidas (Bentes, 2020). A maioria dos alunos encontrou dificuldades em concluir tarefas de forma independente (Carvalho, 2021). Foram muitos os recursos e materiais, ideias e atividades, assim como plataformas novas às quais os

alunos têm de aceder, o que implicou sobrecarga e grande exigência (OPP, 2021).

Desde o início que as Escolas e os professores organizaram as aulas e a distribuição do trabalho tentando ajustar às circunstâncias de cada família (OPP, 2021) a enfrentar o desafio de múltiplos papéis. Crianças habituadas a sair de casa e a relacionar-se no espaço escolar de forma livre, passaram a viver muitas horas por dia, fechadas, sem atividade social ou psicomotora, conhecida que é a importância da experiência motora no desenvolvimento global (Martins, 2013; Neto, 2020). A fadiga pandémica (WHO, 2020) tem atingido todos, de crianças a adultos e trazido um estado de cansaço geral que dificulta a colaboração nos processos de aprendizagem.

Um estudo de *Easttown school district* (2020), colocou a questão “Quais os maiores desafios enfrentados no ensino à distância?” A comunidade escolar respondeu, de uma forma geral, que seria motivar os alunos para terminar as tarefas escolares. Referiram também como um grande desafio, a falta de interação entre os colegas da turma. Relativamente à questão “O que funcionou bem durante o ensino a distância?” a resposta mais obtida pelos alunos e pelos pais, foi que cada um podia trabalhar ao seu ritmo, sendo mais facilmente gerido o horário em função do estilo de trabalho de cada criança. Já Faria (2016) tinha mencionado a flexibilidade no estudo como uma vantagem a este tipo de ensino. Quando questionado o rigor do trabalho fornecido durante o ensino a distância, os pais e os alunos referiram que foi adequado. Os alunos obtiveram a mesma resposta relativamente à pergunta “Quão desafiador achou o trabalho atribuído durante a distância?” mostrando-se um tipo de ensino adequado, flexível e até rentável.

A FENPROF(2020) estudou as perceções dos professores sobre o Ensino a Distância. Os professores referiram que “o ensino não é isto, nem nada que se pareça” (p. 1) e destacaram as desigualdades entre os alunos e o desgaste dos professores que sentiram a atividade profissional a tomar conta de muitas horas do seu dia, dificultando a separação da vida familiar.

No entanto, outras preocupações nomeadamente ao nível da saúde mental emergiram, entretanto. O Instituto de Apoio à Criança (2021), estudou 807 famílias com filhos entre os 4 e os 18 anos, acerca da

experiência do isolamento social. As crianças revelaram medo, tristeza, insegurança e com dificuldades em dormir. Esta investigação demonstrou ainda que 9,8% das crianças indicaram níveis de ansiedade acima do normal.

Estudos da Universidade Miguel Hernández e da Universidade Católica Portuguesa, feitos a 515 pais de crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos, demonstrou que um quarto das crianças apresentava ansiedade e 8,5% depressão. Revelaram, ainda, que 50% das crianças se sentiam entediadas e mais de 40% andavam irritadas (Lopes, 2021).

Para a maior parte dos pais (83,1%), o isolamento teve como vantagem o facto de terem passado mais tempo com os filhos, algo também valorizado por 79,6% das crianças que, como aspeto negativo apontaram, em 89,5% dos casos, o facto de não poderem estar com os amigos

3.2. Para uma melhor colaboração e aprendizagem em tempo de confinamento

A nova situação, trouxe alguma ansiedade e preocupação aos pais, relativamente à prestação de um apoio eficaz, em função das necessidades de cada aluno, podendo sentir-se culpados, cansados ou incapazes. É essencial perceber-se que o isolamento permite conter a propagação do vírus e que ao fazê-lo, estar-se-á a contribuir decisivamente para manter a segurança de todos. São vários os apelos para que as famílias que, com serenidade, vejam o período de isolamento como oportunidade para passar mais tempo em família, de forma a serem feitas atividades para as quais não havia tempo e para estarem mais próximos das crianças ou jovens. Ao conseguir-se lidar com a situação e cientes da informação necessária, acredita-se que as crianças conseguirão saber lidar também com a mesma, da uma forma mais tranquila.

A aliança entre os pais e a escola é fulcral para um bom aproveitamento escolar e desenvolvimento humano, tornando-se fundamental nesta modalidade de ensino, uma vez que são eles que asseguram a continuidade em casa. Por este motivo, uma comunicação aberta entre a escola e a família vai permitir o sucesso escolar neste novo

modelo e permitir que a aliança entre família e escola seja reforçada. As famílias têm sido aconselhadas a um bom planeamento da rotina, tolerância, flexibilidade e acompanhamento do estudo, não fazendo o papel da criança (OPP, 2020a). O trabalho colaborativo e em rede, assume agora maior importância, não só pela incerteza, ansiedade ou insegurança que está associada a toda a situação, mas também, pelo desafio e exposição provocados pelo recurso a meios de comunicação a distância devendo, a escola, acompanhar e monitorizar as necessidades das famílias (OPP, 2020b).

Neste sentido, é importante reforçar estratégias que vão permitir uma melhor comunicação entre as famílias e a Escola. Os pais devem ser encorajados a participar em fóruns de discussão, utilizar as redes sociais para comunicar com os professores e partilhar dúvidas com outros pais.

Os pais devem promover competências de organização e de estudo com os filhos, sendo importante que os alunos tentem regular o seu estudo da forma mais autónoma possível, promovendo a capacidade de autorregulação. Sempre que possível, os pais devem monitorizar a participação dos filhos nas aulas. Sabemos, no entanto, que os períodos de atenção face à comunicação partilhada no ecrã, são muito inferiores aos de uma aula e transportar para o registo online o mesmo formato das aulas presenciais, tem vindo a revelar-se pouco eficaz. Manter objetivos realistas e razoáveis ancorados nas circunstâncias que todos estamos a viver poderá ser mais sensato. Os objetivos das escolas deverão estar alinhados e perceber que há várias formas de os atingir. É fundamental mostrar confiança nos trabalhos dos filhos e elogiar a sua persistência e esforço.

As escolas devem acompanhar e monitorizar as famílias e as suas necessidades, disponibilizando-se para manter um contacto regular, através de um trabalho colaborativo escola-família, garantindo soluções, em articulação com os diretores de turma, e órgãos de gestão da escola, e os psicólogos, que podem apoiar na disponibilização de estratégias para a prestação de apoio e suporte, tornando-se um processo colaborativo, tanto na procura de soluções, como na garantia de sintonia e consistência (OPP, 2020b).

4. E QUANDO A ESCOLA VOLTAR AO “NORMAL”?

Depois deste período de confinamento, a reabertura das escolas, após um percurso letivo em ensino a distância, traz consigo mudanças significativas nos hábitos sociais e nas emoções sentidas por parte dos pais, dos professores e dos alunos, ou seja, o regresso à escola torna-se um desafio e um processo de transição, para todos. Voltará mesmo a escola ao “normal”?

É importante ter em conta os efeitos que uma situação de confinamento prologada teve nas famílias. A pandemia afetou significativamente a saúde mental das crianças e dos adolescentes portugueses, aumentando assim os valores de depressão e de ansiedade infantil (IAC, 2021; Lopes, 2021), o que deve merecer uma preocupação na implementação das medidas de regresso ao ensino presencial.

Em fevereiro de 2020, cerca de duas centenas de cidadãos portugueses assinaram uma carta aberta intitulada “Prioridade à escola” que defendia o regresso imediato ao ensino presencial, a iniciar pelos alunos mais novos (Expresso, 2020). Assinada por representantes de vários quadrantes da sociedade portuguesa, de pais a profissionais de diferentes áreas, defendem a escola como um bem essencial, destacando que o ensino a distância acentua as desigualdades sociais e o fosso entre as famílias.

Várias têm sido as recomendações, direcionadas às famílias, para ajudar neste processo. No que diz respeito aos agentes educativos, no contacto entre a escola e a família, será recomendável solicitar feedbacks sobre possíveis alterações comportamentais e emocionais dos educandos e sobre as suas preocupações face ao regresso à escola. Os pais devem informar o professor sobre o impacto emocional e social na criança. Relativamente aos alunos, é recomendada tolerância e paciência, com apelo a uma atitude tranquila. Devem ser envolvidos nas tomadas de decisão e organização no regresso as aulas presenciais. É também aconselhável que os pais encontrem informações sobre programas e atividades de cada instituição escolar, e incentivar as crianças a falarem dos seus sentimentos, e se for necessário, recorrer à ajuda psicológica (OPP, 2021).

Várias questões e preocupações surgem relativamente a este regresso. Estará previsto apoio às crianças que estão mais ansiosas e depressivas? Quem vai apoiar os alunos que, por motivos de falta de recursos, poderão estar mais atrasados no programa curricular? Não terá o confinamento contribuído para um aumento do absentismo escolar, e por consequência para um maior abandono escolar? E as desigualdades sociais? Não terão aumentado com as repercussões no sucesso educativo?

5. REFLEXÕES FINAIS

Quando viajamos para escolas do passado, encontramos um tipo de ensino no qual reprimir os desvios fazia parte do sistema educativo e raras eram as famílias que ousavam reclamar contra castigos que considerassem pouco relevantes ou despropositados. As escolas do século XXI pretendem encontrar o modelo certo de gestão e administração, que assegure em simultâneo disciplina e liberdade, autoridade e cooperação, exigência e tolerância, tradição e inovação, identidade histórica e multiculturalidade, sendo necessário também entender todo o contexto envolvente, pois o contexto é muito importante para qualquer comportamento, nomeadamente o do núcleo familiar. No entanto, o século XXI trouxe uma realidade que ninguém previa. Uma pandemia surpreendente exigiu uma reorganização do sistema educativo e da dinâmica da relação família-escola.

O ensino a distância entrou em massa em 2020 e com ele emergiram dúvidas e inseguranças, mas também novas possibilidades. São compreensíveis as dúvidas e desorientação das famílias neste período, face à reconfiguração da educação dos seus filhos.

Os dados recolhidos com a experiência de ensino a distância permitem perceber que este amplia a oferta formativa em função das necessidades atuais, através de plataformas interativas, que requerem menos custos de ensino e uma redução com o tempo de deslocações, sendo passível ser conjugado com o trabalho de alguns pais. O “ensino em casa” foi uma resposta implementada no sentido de desempenhar um papel de apoio ao ensino e constituir uma ferramenta para minimizar o afastamento da escola e permitir que alunos e famílias se sentissem mais

acompanhados. Contudo, ainda se verifica alguma insegurança na utilização destes métodos, devido a uma visão muito tradicional associada ao ensino. O ensino a distância impossibilita também interações entre pares tão importantes nesta fase de desenvolvimento das crianças/jovens. É também considerado que tipo de ensino, vinca as diferenças sociais, uma vez que nem todos têm acesso ao computador, a uma mesa de trabalho ou a alguém que os auxilie de uma forma produtiva.

Ainda existem divergências na eficácia ou não do ensino a distância, uma vez que a opinião dos autores se divide. Uns, defendem que o ensino presencial é melhor para o aproveitamento escolar e desenvolvimento dos alunos. Há, no entanto, quem afirme que o ensino a distância cumpre os parâmetros essenciais do aproveitamento escolar. Neste seguimento, e no nosso ponto de vista, este tipo de ensino mais atual e tecnológico poderá ser implementado num futuro próximo, devido à evolução que o mundo atravessa e à constante evolução e globalização, com recurso a uma abordagem mista que continue a privilegiar a proximidade e o estabelecimento de relações que só a escola permite.

Um pai não é um professor, bem o sabemos, conforme um professor não tem esse papel junto dos alunos que acompanha. Quando pais e filhos colaboram em atividades de aprendizagem, o vínculo entre pais e filhos pode sair reforçado decorrente do tempo que passam juntos, mas este resultado exige uma gestão que nem todas as famílias têm condições de fazer. Em tempos de isolamento social, este desafio revelou-se ainda maior. É necessário ter em atenção a manutenção da saúde mental dos pais, que tiveram que enfrentar várias adaptações nestes tempos desafiadores. Os pais deverão ser apoiados também na gestão das suas emoções e no suporte emocional aos filhos em momentos de novidade e incerteza.

É importante perceber que a Educação é um trabalho em rede e da responsabilidade de toda a sociedade e que ninguém deverá sentir-se sozinho. Em qualquer que seja o modelo educativo que o futuro venha a trazer, a relação família-escola deverá continuar a merecer um lugar de destaque, pelo contributo significativo para o sucesso escolar das

crianças e dos jovens, sendo nesta aliança que se centram as competências educativas e pessoais e que a formação integral das crianças e jovens se alicerça.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

- Abreu, D. S. C. (2016). *A relação escola-família como potenciadora do sucesso educativo* (Tese de Mestrado). Retirado do Repositório da ESEPF.
- Alarcão, M. (2008). *(Des)equilíbrios familiares – uma visão sistémica* (3th ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Ascensão, J. (2021, 13 de janeiro). A escola é um lugar seguro, não justifica fechar. *Observador*. Retirado de <https://observador.pt/programas/resposta-pronta/jorge-ascencao-a-escola-e-um-lugar-seguro-nao-ha-nenhum-dado-objetivo-que-justifique-fechar/>
- Barradas, M. T. C. (2012) *Envolvimento parental e sucesso escolar- Estudo de caso* (Tese de Mestrado) Retirado do Repositório UCP.
- Bento, P. (2020, março, 24) *Como é que está a correr a experiência de estudar em casa? Ouvimos pais, alunos e professores*. [Post de Blogue Web]. Obtido de: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-03-24-Como-e-que-esta-a-correr-a-experiencia-de-estudar-em-casa--Ouvimos-pais-alunos-e-professores>
- Bronfenbrenner, U. (1994). *Ecological models of human development*. In T. Husten & T. N. Postlethwaite (Eds.), *International encyclopedia of education* (Vol. 3, 37-43). New York: Eselvier Science.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The Bioecological Model of Human Development. In R. M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (793-828).
- Bruni, O., Sette, S., Fontanesi, L., Baiocco, R., Laghi, F. & Baumgartner, E. (2015). Technology use and sleep quality in preadolescence and adolescence. *Journal of Clinical Sleep Medicine*, 11(12), 1433–1441. Doi: 10.5664/jcsm.5282

- Carvalho, A. M. C. (2010). *Alcançando o sucesso escolar: Fatores que auxiliam nesta conquista*. [Revisão da dissertação de mestrado Sucesso escolar: o que isso representa por A. Carvalho]
- Carvalho, P. (janeiro, 2021). *Retorno do ensino à distância preocupa dirigentes escolares*. Público. Retirado de <https://www.publico.pt/2021/01/25/sociedade/noticia/regresso-ensino-distancia-preocupa-dirigentes-escolares-1947775>
- Delors, J. (1996). *Learning: the treasure within*. Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century. Unesco.
- Easttown School District. (2020). Distance Learning Survey Results. Tredyffrin Easttown/ School District.
- Eva Yi Hung Lau & Kerry Lee (2020) Parents' Views on Young Children's Distance Learning and Screen Time During COVID-19 Class Suspension in Hong Kong, Early Education and Development, DOI: 10.1080/10409289.2020.1843925
- Expresso (2020). “Prioridade à escola”: a carta aberta (na íntegra) que apela à reabertura das escolas já em março. Consultado em 3 de março. 2021. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/sdoc/wp-content/uploads/sites/10/2015/05/Referencias-APA.pdf>
- Faria, T. C. (2016). *Vantagens e desvantagens da educação a distância de língua estrangeira*. Brasil: Centro Universitário São José de Itaperuna.
- FENPROF. (2020). *O ensino a distância (E@D) - As percepções e a(s) palavra(s) dos professores*. https://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM_Doc/Mid_115/Doc_c_12667/Anexos/ED_-_a_percecao_dos_professores.pdf
- Flores, J. V. (1994). *A Influência da Família na Personalidade da Criança* - Coleção Crescer. Porto: Porto Editora Lda
- Flores, M., Machado, E., Alves, P. (2020). *Ensino e Avaliação a Distância em tempos de Covid-19 nos ensino básico e Secundário*. 1–36. Disponível em: https://ciecum.files.wordpress.com/2020/07/resultados-do-estudo_versc3a3ofinal_pc393s-sessc383o.pdf
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

- Griffith, A. K. (2020). Parental burnout and child maltreatment during the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Violence*, 1 doi: 10.1007/s10896-020-00172-2
- Grilo, M. (2021). *Três ideias para salvar a aprendizagem em tempos de pandemia*. Público. Retirado de: <https://www.publico.pt/2021/02/08/opinioao/noticia/tres-ideias-salvar-aprendizagem-tempos-pandemia-1949725>
- IAC (2021). *O Que Pensam e o Que Sentem as Famílias em Isolamento Social*. Lisboa.
- Johnson, J. C., Cohen, P., Chen, H., Kasen, S. & Brook, J. S. (2006). Parenting behaviors associated with risk for offspring personality disorder during adulthood. *Archives of General Psychiatry*, 63, 579-587.
- Loureiro, M. A. (2017). *Relação Família-Escola: Educação dividida ou partilhada?* Obtido de: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1162.pdf>
- Lopes, M (2021). *A Psicóloga Margarida Gaspar de Matos defende “necessidade urgente” de planejar a educação no futuro*. Público. Consultado a 6 de março, de 2021. Retirado de <https://www.publico.pt/2021/03/03/sociedade/noticia/margarida-gaspar-matos-defende-necessidade-urgente-planear-educacao-futuro-1952718>
- Martins, M., Sarmiento, T., & Alves, S. (2019). Família: ontem como hoje, permanente educadora. *Gestão e Desenvolvimento*, (27), 211-228. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2019.382>
- Martins, I. C. (2013). O papel da experiência motora no desenvolvimento global: o Aluno com Paralisia Cerebral. *Revista Millenium*, 45, 45-62. <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium45/4.pdf>. <http://hdl.handle.net/10400.19/2286>
- Mendes, A. M. (2017). *Fatores associados ao (in)sucesso escolar na disciplina de inglês do 3º ciclo numa escola do funchal* (Tese de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa: Porto.
- Minuchin, S. (1988). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2007). *Working with families of the poor* (2nd Ed.). New York: The Guilford Press
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças*. Ed. Contraponto.
- Neto, C. (2020). *O ensino Remoto é uma aldrabice*. [Podcast]. Lisboa: Rádio Comercial
- OECD (2020b). *Education and COVID-19: Focusing on the long-term impact of school closures*. Disponível em:
<https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/education-and-covid-19-focusing-on-the-long-term-impact-of-school-closures-2cea926e/>
- OPP (2021). *Recomendações para Pais e Cuidadores*. Escola Saudável mente.
- OPP (2020a). *COVID-19. Regressar à escola em tempo de pandemia: Orientações para pais e cuidadores, diretores e professores*.
- OPP (2020b). *Recomendações para psicólogos com intervenção em contexto escolar. Documentos de apoio à prática OPP | COVID-19*
- Ornelas, J. (2008) *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século
- Picanço, A. L. B. (2012). *A relação entre a escola e a família- as suas implicações no processo de ensino aprendizagem*. Disponível no RCAAP:<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>
- Piletti, N. (2003). *Psicologia Educacional*. São Paulo: Ática.
- Rego, A. M. X. (2018). Educação: conceções e modalidades. *Scienta cum Industria*, (6), 38-47. doi:
<http://dx.doi.org/10.18226/23185279.v6iss1p38>
- Santos, A. (2000). *Ensino à Distância & Tecnologias de Informação – e-learning*. Lisboa: Editora FCA.
- Taylor, S.E., Repetti, R.L., & Seeman, T (1997). Health Psychology: What is an unhealthy environment and how does it get under the skin? *Annual Review of Psychology*, 48, 411-47. DOI: 10.1146/annurev.psych.48.1.411
- Toledo, M.E. & González, E. (2007). Intervenção no contexto familiar dos sujeitos que apresentam necessidades educacionais especiais. In: González, E. (Org.). *Necessidades educacionais específicas: Intervenção Psicoeducacional*. 402- 436. Porto Alegre: Artmed.

- United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. (2020). *COVID-19 impact on education*.
<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse> [Google Scholar]
- Valente, C. J. C. (2016). *Sucesso Educativo: Quem faz a diferença? Professor, estou aqui!* (Relatório de Estágio para obtenção de grau de mestre). Retirado do Repositório ESEPF
- Vasconcelos, I. S. L. (2018). *A Relação Escola-Família na Promoção do Sucesso Educativo*. Tese de Mestrado. Retirado de
<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2300/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20-%20Final%2022%20janeiro.pdf>
- WHO (2020). *Pandemic fatigue – reinvigorating the public to prevent COVID-19*. Policy framework for supporting pandemic prevention and management. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe; 2020. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO